

Pronunciamento do reitor Edward Madureira na transmissão do cargo de presidente da ANDIFES ao reitor Marcus David

-30 de julho de 2021-

Caríssimos reitores e reitoras, boa tarde!

Saudações à Diretoria Executiva, aos membros da nova Diretoria e Conselho Fiscal da Andifes, ao Diretório Nacional, aos reitores e às reitoras, aos presidentes e coordenadores de fóruns, à equipe do CIM PROMOVER, aos funcionários da Andifes, à comunidade universitária das IFES e à comunidade universitária da UFG.

Nesse momento em que se finda esta gestão da Andifes, gostaria de relatar um pouco da minha passagem por aqui, para tentar contribuir, a partir do olhar de quem viveu em diferentes situações o cotidiano dessa entidade fundamental para a construção de uma nação soberana e mais justa, no sentido que ela siga cada vez mais forte e mais relevante em sua missão.

Conheci a Andifes por volta de 2002, quando nem imaginava ou sequer sonhava em ser reitor de uma universidade. Estive na sede da Andifes por força de minha atividade de pesquisa com a cultura da cana-de-açúcar, para me reunir com colegas da RIDESA (Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético) em uma atividade junto ao Ministério da Agricultura e utilizamos a base de apoio da entidade. Vale aqui o registro que essa rede, que reúne dez de nossas universidades no maior e mais importante programa de melhoramento genético de cana-de-açúcar do mundo, sendo responsável por dois terços da área plantada com a cultura no país e que na última quarta-feira lançou 21 novas variedades que ajudarão a melhorar ainda mais o desempenho do setor em nosso país, tem suas origens em nossa entidade. Naquele momento já ficava claro para mim a força e o impacto de uma rede de universidades em um setor de nossa economia e as possibilidades infinitas desse sistema de universidades.

Mais tarde, em 2005, já reitor eleito da UFG para o meu primeiro mandato, participei pela primeira vez, a convite de minha antecessora, de uma reunião do Conselho Pleno da Andifes. Lembro-me como se fosse hoje daquela reunião onde se discutia a distribuição de vagas de docentes. Naquele tempo o retorno de vagas não era automático para as universidades, e também não havia um modelo para alocação de CD's e FG's no sentido de melhorar a distribuição dessas funções no sistema, uma construção coletiva para correção de assimetrias históricas do sistema a partir de modelos e baseado em diálogo entre os pares e com o governo.

Desde minha chegada de fato como reitor, em janeiro de 2006, até o final do meu segundo mandato consecutivo, em janeiro de 2014, estive ausente raríssimas vezes, não mais do que três ou quatro das reuniões ordinárias ou extraordinárias do Conselho Pleno. E aqui fui aprendiz de grandes mestres e levo ensinamentos que têm me valido em todos os meus dias. Aprendi desde o início que o papel da Andifes é de fortalecer o nosso sistema federal de universidades, único e imprescindível para um projeto de país, e que para isso é necessário ter consciência da grandeza dessa missão e atuar com todas as forças para que ele se mantenha coeso em sua diversidade e que cresça em quantidade e qualidade, e ao mesmo tempo corrigindo todas as assimetrias inerentes à sua história e garantindo a excelência e relevância social de nossas instituições.

Essa consciência ensinada pelos pioneiros se materializa na capacidade única de diálogo com todos os setores da sociedade, construída ao longo da história da entidade. Manter o diálogo permanente com todas as esferas dos poderes executivo, legislativo e judiciário, sem jamais se colocar de forma subserviente a esses, e também sem deixar a relação se deteriorar de maneira irreversível.

Aprendi que o tempo dos governos não é o tempo das universidades, pois enquanto os governos passam e têm, de maneira natural, as suas urgências, o tempo da universidade é o tempo de uma instituição milenar que tem compromisso com o passado, com o presente e com o futuro, com a preservação, com a construção e com transmissão do conhecimento em um ambiente de permanente troca com a sociedade e de compromissos inalienáveis com certezas e incertezas que permeiam a nossa existência. Daí os debates intensos, inevitáveis e infundáveis que sempre tivemos, ainda que de forma ativa e responsável, com todos os dirigentes da Educação e da Ciência brasileira, bem como com dirigentes de outras pastas, sem nunca ter arranhado a relação com qualquer ator, instituição, entidade com quem nos relacionamos. Da mesma forma o diálogo maduro e sempre construtivo com sindicatos, representações estudantis, e organizações diversas de nossa sociedade.

Outro ensinamento único dessa época foi que a diversidade de formação, cultural, regional, ideológica, e de outras naturezas, foi a marca maior e talvez o elemento mais rico desse coletivo em que a qualidade do debate, a riqueza de argumentos, as percepções de mundo, as diferentes realidades levavam a entendimentos e soluções mais acertadas e que, em raríssimas oportunidades, desembocavam em uma necessidade de decisão com base em votações. Os debates acalorados e cheios de formulações brilhantes sempre foram experiências únicas que provavelmente não encontram paralelo em possibilidades de aprendizado e crescimento pessoal.

Não é por acaso que as políticas públicas mais exitosas da história recente da educação superior brasileira tiveram seu nascedouro ou o seu aprimoramento nos debates da Andifes. Para citar apenas algumas, faço referência a alguns mecanismos: REUNI, REHUF, EBSEH, políticas de ações afirmativas, programas de acessibilidade, PNAES, legislação de inovação, legislação das fundações, expansão da pós-graduação, políticas de internacionalização, Idiomas sem Fronteiras, criação das cláusulas de P & D nas empresas que exploram concessões de exploração de recursos naturais, dentre tantas outras.

Poucas entidades no país têm a estatura da Andifes no que se refere a credibilidade em qualquer espaço institucional, seja ele público ou privado. Credibilidade essa conquistada pela qualidade das contribuições e formulações, pela forma respeitosa com que trata as questões por mais complexas que sejam, e pela representatividade, legitimidade e competência científica de seus componentes e das instituições representadas. Essa é Andifes que tive a honra de presidir em 2010 e que era recebida anualmente pelo presidente da República, que demandava a ela propostas para a construção de uma nação com oportunidades para todos e justiça social, e da qual me afastei em 2014, quando do término do meu segundo mandato como reitor da UFG.

Em meu retorno à Andifes em 2018 encontro um cenário completamente diferente, uma vez que os anos imediatamente anteriores tinham trazidos de volta problemas antigos enfrentados pelos pioneiros de nossa ainda jovem entidade, como é o caso das restrições orçamentárias e o desrespeito à autonomia universitária, nosso maior valor que se encontra assegurado em nossa Carta Magna de 1988.

De lá para cá, as adversidades se acentuam com orçamentos mais e mais restritivos, medidas que afrontam ainda mais a autonomia universitária, somados a um ambiente adverso a nossas instituições pela postura e prática de atores diversos nas diferentes esferas de poder e da sociedade, e agravado mais recentemente por um problema sanitário sem precedentes nas últimas gerações. Entretanto, um aspecto permanece inalterado, na verdade muitos aspectos permanecem inalterados em nossa entidade, mas quero destacar um deles: o compromisso, a determinação, a inteligência, a capacidade de diálogo e de formulação, o protagonismo, a diligência, a credibilidade e a enorme capacidade de trabalho dos dirigentes de nossas universidades e das pessoas que as compõe e que se materializam nessa entidade única.

Assim participei da gestão da Andifes nos últimos três anos. Tive o privilégio de conviver de perto e de aprender com pessoas como Reinaldo Centoducatte, João Carlos Salles Pires da Silva, Cleuza Maria Sobral Dias, Margarida de Aquino Cunha, Ricardo Marcelo Fonseca e Antônio Cláudio Lucas da Nóbrega, nos dois primeiros anos. Ao lado dessas pessoas da melhor estirpe de caráter, inteligência e compromisso inarredável com a defesa do interesse coletivo, fizemos várias travessias, de governo, de vários ministros e o mergulho no mundo desconhecido da pandemia e suas incertezas infinitas. A minha gratidão será eterna a esses companheiros de valor inestimável que sempre encontraram caminhos para as situações aparentemente intransponíveis de toda natureza que se apresentaram nas gestões lideradas por Reinaldo e João Carlos.

Nos últimos 12 meses tenho tido o privilégio de trabalhar com Marcus Vinícius David, Joana Angélica Guimarães, Luís Eduardo Bovolato e Paulo Afonso Burmann. Dado ao aprofundamento das dificuldades, especialmente as de natureza orçamentária prenunciadas pelo encaminhamento da PLOA 2021, já em agosto de 2020, adotamos a rotina de reuniões diárias para enfrentarmos todos os desafios desse período. O Relatório de Gestão, enviado aos reitores no dia de ontem, e a apresentação, realizada hoje, mostram a intensidade, a complexidade, os desafios enfrentados e as grandes possibilidades que se colocam diante de nossas instituições.

Quero, nesse momento, agradecer a cada membro da Diretoria pela sua doação quase que integral à nossa entidade, e quero destacar o quanto aprendi com cada um de vocês nesses 12 meses.

Comentávamos outro dia do quanto foi intenso, desafiador e ao mesmo tempo prazeroso conviver diariamente em nossa sala da RNP, ao ponto de estranharmos o dia em que ao meio-dia não acessávamos o link dessa sala. Obrigado, Marcus David, pelas análises precisas do orçamento, indicadores de gestão e suas implicações; obrigado, Joana, pela sabedoria e capacidade de aglutinação junto aos fóruns para construir tantos documentos e soluções que foram essenciais para que nossas universidades se adequassem rapidamente e com segurança aos desafios da pandemia no que se refere à segurança das pessoas e do ensino remoto emergencial; obrigado, Burmann, por cuidar com todo o zelo das nossas relações com as redes de universidades da América Latina e na construção dos documentos para a Conferência Mundial de Educação; obrigado, Bovolato, pela presença sempre constante e pela capacidade de articulação decisiva com parlamentares com os quais temos avançado em diversas frentes; um obrigado muito especial ao também querido Secretário Executivo da Andifes, Gustavo Henrique de Sousa Balduino, que com sua capacidade de trabalho infinita, sua inteligência prodigiosa, sua capacidade de leitura política incomparável e sua habilidade política ímpar, somadas à sua experiência e ao grande trabalho dos demais valorosos colaboradores da Andifes (Carlos, Livia, Eliandra, Erivan e Cláudia), nos traz a segurança para dar continuidade ao trabalho extraordinário desta extraordinária entidade.

A vocês cinco, Marcus, Joana, Bovolato, Burmann e Gustavo, quero dizer que já sinto saudades de nossas reuniões diárias e espero que em breve possamos nos encontrar para celebrar presencialmente essa amizade. E se fosse para definir em uma palavra essa gestão, sem nenhuma dúvida a palavra seria harmonia.

Um agradecimento especial aos dirigentes de colégios e fóruns que trabalharam como uma grande orquestra absolutamente afinada com os interesses de nossas instituições. Inúmeras foram as demandas – muitas vezes da noite para o dia – e a resposta sempre veio com agilidade, qualidade e compromisso.

Agradecimento também ao Diretório Nacional, que teve seu papel de articulador regional resgatado e auxiliou enormemente a entidade tanto nas reflexões como subsidiando a tomada de decisões a partir do olhar atento da realidade de cada universidade em seu ambiente geográfico e político. Agradeço à equipe do PROMOVER, que cresce a cada (semestre? Edição?), por abraçarem a ideia e materializarem um sonho.

Um agradecimento ao MEC como um todo, e de forma especial à SESU e a SPO, nas pessoas dos secretários Wagner e Adalton, pela possibilidade de diálogo permanente e diligência na busca de soluções das demandas que apresentamos cotidianamente. Agradecimento esse extensivo a todos os interlocutores do MEC. Agradeço ainda aos Parlamentares de todos os partidos da Câmara dos Deputados e do Senado Federal que sempre nos acolheram e ouviram atentos as nossas dificuldades e que têm trabalhado na defesa de nossas universidades.

Não posso deixar de mencionar outras organizações com as quais interagimos sempre de forma dialógica, propositiva e com as quais avançamos em inúmeras questões, nesse sentido cito sabendo do risco e da certeza de deixar de fora alguns por pura incapacidade de conseguir registrar todas. Nesse sentido já pedindo perdão pelas ausências involuntárias quero agradecer à Capes, ao CNPq, Finep, Embrapii, RNP, Ebserh, Conif, Abruem, SBPC, ABC, Confies, ICTP.br, CNE, TCU, CGU, Consed, Undime, Proifes, Andes, Fasubra, UNE, ANPG, FNE, FNPE, veículos da imprensa e outros parceiros dessa jornada.

Quero terminar voltando ao início da minha fala quando me referia ao potencial desse que considero o maior e melhor sistema universitário do mundo.

A construção de um sistema federal de universidades ainda dá seus primeiros passos e um longo caminho se apresenta à nossa frente. Nesse caminho vejo possibilidades infinitas para um sistema cada vez mais integrado, colaborativo e que se complementa em suas atividades de graduação, pós-graduação, pesquisa, extensão, inovação e gestão; e que tem a responsabilidade de contribuir decisivamente na construção de uma nação soberana e com justiça social. A utopia da Universidade Federal do Brasil está diante de nossos olhos, cabe a nós materializá-la com a nossa capilaridade, credibilidade, maturidade, competência, inteligência e compromisso público. Tenho convicção que podemos fazer a grande transformação que nosso país precisa a partir da educação, da ciência, da tecnologia e inovação e da integração dos inúmeros atores dessas áreas, e cabe às universidades federais liderarem esse movimento. E não há espaço melhor para protagonizar essa iniciativa do que esse que compartilhamos.

Viva a Andifes, viva a Universidade Federal do Brasil.